



**I CONGRESSO DE ENSINO,  
PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG**  
14 a 16 de outubro de 2014  
Local: Câmpus – Pirenópolis

## **TÍTULO**

### **OS DESAFIOS DA PROPOSTA DE EDUCAR PELA PESQUISA NO ENSINO**

#### **FUNDAMENTAL**

Autores

Ana Carolina dos Santos Prado

Graduanda em Pedagogia na UEG e bolsista

PIBID – Câmpus Itaberaí-GO,

anasantosprado@hotmail.com

Isamara Gonçalves Oliveira

Graduanda em Pedagogia, UEG – Itaberaí-GO,

Jaqueline Ferreira Alves

Graduanda em Pedagogia, UEG – Itaberaí-GO,

Marcela Ribeiro de Almeida

Graduanda em Pedagogia, UEG – Itaberaí-GO,

Nayhara Correa Neto do Prado

Graduanda em Pedagogia, UEG – Itaberaí-GO,

Neyrielly Fidelis da Silva

Graduada em Pedagogia, UEG – Itaberaí-GO,

Sayonara Lorrana Amaro dos Santos

Graduanda em Pedagogia, UEG – Itaberaí-GO ,

Sebastião Alonso Júnior

Docente do Curso de Pedagogia, UEG – Itaberaí-GO

Este estudo é resultado das leituras, reflexões e discussões envidadas durante as etapas de desenvolvimento do subprojeto PIBID do Curso de Pedagogia – Câmpus Itaberaí. O tema do subprojeto é a prática das atividades de pesquisa no Ensino fundamental, a forma como as atividades são concebidas e propostas aos alunos, bem como a distância existente entre a proposta

Pirenópolis – Goiás – Brasil  
14 a 16 de outubro de 2014

realmente desenvolvida nas escolas e o tratamento da pesquisa como caminho didático investigativo, por meio do qual a aprendizagem é orientada em favor da autonomia do aluno.

Nosso objetivo aqui é de defesa da prática da pesquisa na escola como importante instrumento de desenvolvimento do aluno e de suas habilidades intelectuais. Nesse sentido, abordaremos os principais empecilhos que se apresentam para a consecução da proposta. Para a fundamentação do enquadramento teórico, contamos com obras de Marcos Bagno, Pedro Demo e Ilma Passos Alencastro Veiga. Além dos teóricos mencionados, as experiências de observação no *locus* de desenvolvimento do subprojeto do PIBID foram igualmente imprescindíveis no processo. Tais dados contribuíram enormemente para a construção de algumas das hipóteses e argumentos que apresentaremos na sequência.

Acrescentamos que a metodologia utilizada é a técnica de observação e participação na escola campo, estabelecendo contato com a mesma, observando e registrando as informações mais significativas acerca do objeto de estudo. No ambiente escolar o processo de observação é fundamental para olharmos atentamente a parcela da realidade relevante no desenvolvimento desta pesquisa. Além disso, o envolvimento com os alunos do ensino fundamental, com o planejamento e documentos da escola analisada, forneceu-nos dados essenciais para edificação do quadro teórico que compõe este texto.

A estratégia de observação oportuniza o estímulo à experimentação das alunas bolsistas, ou seja, de planejamento, aplicação e avaliação de atividades relacionadas a prática da pesquisa, proposta na escola em que as atividades do PIBID são desenvolvidas, bem como o registro dessas aulas como material de discussão e de reflexão coletiva dos processos de ensino aprendizagem. Tal encaminhamento viabiliza a criação de condições para que as alunas bolsistas sejam também pesquisadoras de sua própria prática pedagógica.

Propor a pesquisa como princípio educativo na atuação de professores do Ensino Fundamental representa um grande desafio para escolas e educadores. Tal proposta se justifica pela necessidade de que a relação teoria prática presentes no processo educativo suplante as fronteiras da instituição e privilegie a construção de conhecimentos. É praticamente consenso que uma educação voltada para a reprodução e repasse de conteúdo escolar está ultrapassada. Cabe então à escola e seus atores, mudar e promover uma formação emancipatória através do processo educativo (DEMO, 2003, p. 43).



## I CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG

14 a 16 de outubro de 2014  
Local: Câmpus – Pirenópolis



Nesse sentido, a educação pela pesquisa parece-nos um meio *par excellence* de provocar nos alunos a curiosidade, a inquietude, o desejo pela descoberta e criação, bem como o gosto pelo questionamento e intervenção na realidade em que participa. A pesquisa tem como objetivo uma contribuição nova ao conhecimento e conscientização dos alunos de que fazem parte de uma sociedade evolutiva.

É preciso criar uma atitude de indignação diante de escolas que tratam a pesquisa sempre da mesma forma, com um tema e uma data de entrega, porém sem nenhuma orientação. O que ocorre de maneira recorrente é que os alunos acabam por apenas copiar trechos de informações que nem sempre são verídicas, somente para garantir nota (BAGNO, 2004, p. 25).

Uma possível estratégia para enfrentar o problema é uma mudança de postura no Ensino Fundamental, Médio e também nos cursos de formação de professores. A realidade é que muitos alunos dos cursos de licenciatura não estão preparados para assumir a tarefa de orientadores, pois a formação de um aluno pesquisador deve iniciar desde o ensino fundamental. Assim, com uma base bem formada, o aluno certamente não terá tantas dificuldades no caminho. Acreditamos que os professores precisam estar habilitados a trabalhar de forma a criar situações por meio das quais os alunos aprendam a gerenciar, a selecionar, a tratar as informações e os conhecimentos de forma competente e com significado.

De uma maneira geral, é preciso reconhecer que muitos alunos que chegam a universidade não dominam minimamente atitudes e atributos de um pesquisador. Entretanto, o erro não pode ser totalmente tributado ao aluno, mas também aos professores que acompanharam a sua trajetória até que ele chegasse a universidade. E quando chegam passam por um processo de estranhamento uma vez que, não tendo sido habituados as práticas da pesquisa normalmente se deparam com um ambiente em que a atitude de pesquisador será cobrada de forma recorrente.

O professor não deve apenas mostrar o caminho do conhecimento. Antes de pedir uma pesquisa ao aluno, por exemplo, é importante mostrar a melhor maneira de fazer. É preciso ensinar a aprender ou seja, orientar os alunos nesse caminho bombardeado com informações de origens e qualidades variadas, conduzindo-o para a construção do próprio conhecimento e desenvolvimento de um olhar crítico. Como afirma Marcos Bagno, o que com frequência se observa na prática das escolas é que o professor em vez de orientar o aluno na busca das fontes para depois chegar a

resposta, faz uma trajetória em direção contrária e apresenta ao aluno a fonte da resposta deixando-a pronta e acabada, isto quando de fato oferece uma orientação (2004, p. 26).

Para muitos estudantes isso não é nada novo pois, em varias ocasiões se deparam com alguns professores que ainda agem dessa maneira banalizando sua responsabilidade enquanto profissional qualificado. Pois ensinar a aprender não é despejar informações sobre o aluno, mas guiá-lo para fontes de conhecimento desenvolvendo um olhar crítico, não se deixando levar para o caminho errado (BAGNO, 2004, p. 30).

Autores como Pedro Demo e Ilma P. A. Veiga, destacam a pesquisa como caminho didático e investigativo, por meio do qual a aprendizagem é orientada para a autonomia do aluno. A pesquisa deve ser vista na dimensão de sua importância, pois sem ela avanços como as invenções e descobertas científicas poderiam não ter acontecido. E informações como esta devem ser repassadas aos alunos, ressaltando que para exercer uma boa profissão ele precisa pesquisar. Até mesmo o professor para dar uma aula precisa pesquisar.

Uma estratégia sugerida por Marcos Bagno na obra “Pesquisa na escola: o que é e como se faz” é que para iniciar uma pesquisa é preciso que o professor tenha um projeto, o qual irá direcionar todo o trabalho prático. O tema deve despertar o interesse dos alunos e o professor deve conduzir essa discussão trazendo algumas sugestões. O professor pode até apresentar um projeto pronto, porém é necessário discuti-lo com seus alunos e fazer eventuais mudanças, mas nada que seja pronto e acabado.

Em face da realidade descrita, é necessário levantar dois importantes questionamentos: como a escola pode conduzir suas práticas no sentido de superação de práticas arcaicas, criando medidas que promovam os avanços necessários para uma educação mais formativa, que privilegie o aprendizado e construção do conhecimento sobre o já ultrapassado ato de ensinar? E de que forma essa proposta de educação pode acontecer nos espaços escolares e quais os meios que podem levar o professor a ser essencialmente, orientador do processo?

Estas são questões que quando delineadas devem provocar a reflexão e conseqüente identificação de fatores que se interponham ao adequado encaminhamento da proposta. Conforme já foi mencionado, as fontes de pesquisa e sua seleção são fundamentais no desenvolvimento da prática investigativa. Todavia, percebemos este item como uma fragilidade nas escolas de Ensino Fundamental do município e região.



## **I CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UEG**

14 a 16 de outubro de 2014  
Local: Câmpus – Pirenópolis



No desenvolvimento do nosso estudo, verificamos nas escolas de Ensino Fundamental a ausência de uma biblioteca adequada que oportunizasse ao aluno um momento tão caro ao processo da pesquisa, que é o da busca e seleção do material a ser utilizado. O acesso é limitado, o material bibliográfico impresso disponível na escola é escasso e a oportunidade de visita a outras bibliotecas é atividade difícil.

As graves dificuldades materiais que enfrentam a maioria das escolas públicas também limitam drasticamente o acesso a fontes digitais de informação e isto representa um desafio para professores e alunos. A maioria das escolas possui um limitado número de computadores para atender um número elevado de alunos. E a realidade descrita limita ainda outra importante fonte de pesquisa, a saber, a internet. O acesso a rede mundial tende a ser lento e precário. Em suma, na prática muitas escolas não possuem computadores suficientes e disponíveis, ou mesmo não possuem tal equipamento e nem acesso de qualidade a internet: obstáculo praticamente intransponível para muitos professores.

Consideramos importante registrar que a pesquisa pode também ser utilizada como importante estratégia para diminuir a distância entre escola e comunidade. Podemos estreitar distâncias entre o aluno e o bairro, a cidade e o Estado em que vive, considerando o termo comunidade em sentido mais amplo. Mas é em sentido mais estrito que a problemática da distância entre família e escola pode ser minimizada, se compreendemos comunidade como a escola e a família dos alunos. Um exemplo pode ser o aproveitamento da profissão ou habilidade dos pais, irmãos desses alunos, na ilustração e enriquecimento das atividades propostas pela escola. Em linhas gerais é como se os familiares fossem transformados em material didático, que vive e transforma o cotidiano escolar. Afinal, a escola deve ou não estar integrada com a vida diária das pessoas?

Por fim, acreditamos que a prática da pesquisa já nas séries iniciais proporciona gradualmente ao aluno a construção de habilidades que favoreçam o alcance de certa autonomia intelectual, pois aprendem a pensar por si, a construir e reconstruir o seu conhecimento, a traçar uma rota de saída da condição de objeto para atuar na condição de sujeito. Infelizmente o que percebemos até aqui é que a pesquisa como princípio educativo, acontece de maneira acanhada no cotidiano da escola.

Os maiores desafios são as próprias limitações e falhas na formação de professores, bem como as deficiências materiais da escola pública. A inadequação de infraestrutura e escassez de recursos didáticos que favoreçam a pesquisa são recorrentes. Contudo, é necessário que os obstáculos sejam superados e a prática da pesquisa instrumentalize a descoberta, a criatividade e da elaboração própria do aluno do Ensino Fundamental.

### **Referência Bibliográfica:**

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola: o que é como se faz?** São Paulo: Loyola, 2004.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa.** 6. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa: princípio científico e educativo.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **As dimensões do processo didático na ação docente.** In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 12, 2004, Curitiba. Anais do Encontro: Champagnat, v. 1, p. 13-30.